

A revolução bipolar: a gênese e derrocada do socialismo soviético

LUÍS FERNANDES

Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Anita Garibaldi, 2017. 260p.

*Theófilo Codeço Machado Rodrigues**

O ano de 2017 marcou os cem anos de realização da decisiva Revolução Russa de 1917. Como era de se imaginar, atos políticos, debates de revisão histórica e seminários universitários trataram do tema à exaustão. E muitos livros foram publicados. É nesse registro que merece destaque a publicação de *A revolução bipolar: a gênese e derrocada do socialismo soviético*, de Luís Fernandes. O autor é seguramente o intelectual brasileiro que mais detidamente centrou sua bibliografia no tema do desenvolvimento da União Soviética e de seus impactos no sistema internacional e na teoria marxista. Essa trajetória acadêmica teve início com sua dissertação de mestrado, *O outro lado do imperialismo: a reintegração da economia soviética no mercado capitalista mundial*, defendida no antigo IUPERJ, em 1989, sob a supervisão de Maria Regina Soares de Lima e publicada como livro, em 1991, pela editora Anita Garibaldi. Alguns anos mais tarde, Fernandes defendeu sua tese de doutorado *O enigma do socialismo real: um balanço crítico das principais teorias marxistas e ocidentais*, mais uma vez sob a supervisão de Maria Regina no antigo IUPERJ. O trabalho foi publicado como livro pela editora Mauad, em 2000. Agora, com *A revolução bipolar*, Fernandes completa sua trilogia sobre a URSS, com um livro mais maduro e distanciado no tempo.

* Professor substituto de Ciência Política da UFRJ. E-mail: theofilomachadorodrigues@gmail.com. A resenha, modificada, foi publicada na revista *Contexto Internacional*, v.40, n.2, 2018.

Antes de mais nada, cabe uma explicação sobre o que Fernandes considera “bipolar” nesse processo histórico. Por um lado, a Revolução de 1917 pode ser entendida como bipolar na medida em que foi a responsável por cindir o século XX em geral, e a Guerra Fria em particular, em dois campos políticos antagônicos: o capitalista e o socialista. Mas é uma outra dimensão menos intuitiva que torna bipolar a revolução. Tal como expressa a pergunta: “Como uma mesma sociedade, que levou às últimas consequências o processo histórico e revolucionário, ‘terminou por capitular e ruir, de forma humilhante e sem um confronto bélico direto, perante um oponente com o qual mantinha paridade estratégico-militar’?” (p.15). Essa é a pergunta que orienta o livro.

Logo na introdução da obra, Fernandes realiza um balanço histórico da Revolução Russa e sistematiza pelo menos cinco legados que estariam presentes ainda nos dias de hoje. Em primeiro lugar, a sociedade constituída após a revolução foi “a primeira experiência de estruturação continuada de um sistema alternativo ao capitalismo no mundo” (p.8). Embora a primeira experiência socialista tenha sido a Comuna de Paris, em 1871, ela não durou mais do que dois meses. A experiência russa, no entanto, vigorou por mais de 70 anos. Em segundo lugar, a revolução soviética introduziu a questão social na agenda política global. Seja diretamente, através de mudanças estruturais na antiga sociedade feudal russa, seja de forma indireta, pela pressão que exerceu sobre as políticas sociais no Ocidente. Em terceiro, a influência nos processos de descolonização ocorridos na segunda metade do século XX. Vale lembrar que a referência à “autodeterminação dos povos” era basilar no pensamento leninista e estava presente nas constituições soviéticas desde 1918. Em quarto, a contribuição decisiva para o desmantelamento do nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial. Por fim, um quinto legado, que parece ser o que mais interessa para a proposta do livro, foi o impacto do desenvolvimento científico e tecnológico soviético para o mundo. O legado dessa aventura histórica, portanto, não foi pequeno.

O livro, subdividido em 10 capítulos, traça o percurso transcorrido da Revolução de 1917 até a sua derrocada em 1991, identificando diferentes fases da economia política do sistema soviético. O primeiro capítulo, o mais longo do livro, é eminentemente teórico, com um debate sobre o imperialismo e as consequências políticas da forma proposta de entendê-lo. Aqui, entram em cena dirigentes do Partido Social-Democrata Alemão, como Rudolf Hilferding, Rosa Luxemburgo e Karl Kautsky, e os russos Nicolai Bukharin e Lenin, todos importantes expoentes desse debate sobre a economia política do imperialismo no âmbito da teoria marxista. O livro de Lenin, *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, escrito em 1916, sofreu a influência de todos esses autores e serviu de obra síntese, ao lado de *Estado e a revolução*, para o movimento político que culminou na revolução. De acordo com Fernandes, foram “as inovações teóricas apontadas por Lenin ao debate marxista sobre a economia política do imperialismo no século XX que

descortinaram os caminhos políticos que levaram ao triunfo da Revolução de Outubro de 1917 na Rússia” (p.61).

Se o primeiro capítulo se detém na teoria, o segundo capítulo volta sua lupa analítica para o contexto da economia política do período, a partir da observação do legado da industrialização czarista nesse início de século XX. Os dados que Fernandes traz são instigantes. Há uma sensação comum de que a Rússia pré-revolução era, em geral, economicamente atrasada e socialmente campesina. A imagem não é de toda falsa, mas invisibiliza importantes dimensões da industrialização pela qual o país passou nos séculos XVIII e XIX. Do capítulo terceiro ao nono, o autor perpassa as diferentes fases da economia política soviética: o Comunismo de Guerra de 1918-1921; a Nova Política Econômica de 1921-1928; os Planos Quinquenais entre 1928 e 1941; a formação do sistema socialista mundial e seus “anos dourados” no pós Segunda Guerra, entre 1945 e 1970; o “socialismo desenvolvido”, que gerou a perda de dinamismo econômico e social entre 1970 e 1985; e, finalmente, os impasses que levaram ao reformismo da *Perestroika* em meados da década de 1980 e ao colapso da URSS em 1989-1991.

O décimo e último capítulo do livro merece uma atenção maior pelas suas conclusões e, pelo que considero, sua abordagem original. Fernandes, como se sabe, tem sido importante gestor na área de ciência, tecnologia e inovação no país. Foi diretor da Faperj, secretário-executivo do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação e presidente da Finep. Essa trajetória está marcada no olhar que *A revolução bipolar* traz da experiência soviética. Para o autor, o declínio econômico da URSS é derivado de sua incapacidade, durante a Guerra Fria, de reproduzir a inovação tecnológica e científica de modo permanente e crescente. Esse engessamento foi fatal num momento de transição em que a economia política internacional passava com a chamada revolução técnico-científica-informacional. A tese de Fernandes é a de que a URSS não conseguiu constituir “um equivalente sistêmico socialista para a função dinamizadora da difusão do progresso técnico desempenhada pela concorrência nas economias capitalistas” (p.239). As empresas estatais foram incapazes de manter um permanente e continuado processo de inovação tecnológica. A isso o autor caracteriza como a “encruzilhada da inovação”. Ademais, a própria sociedade foi engessada, impossibilitada de avançar com o progresso científico. Para chegar a essa conclusão Fernandes traz diversos dados que comprovam o que diz. Mais do que isso, propõe uma análise comparada entre a Rússia e a China, apontando onde o Estado chinês acertou: na sua capacidade de estabelecer parcerias entre o público e o privado, lição provavelmente aprendida com a NEP que a Rússia abandonou. Aqui está, sem dúvidas, a contribuição mais original de Fernandes para a observação dessa experiência.

A Revolução Russa comemora seus 100 anos com muitos debates sobre o que significou essa experiência para o sistema político internacional. Certamente, *A revolução bipolar* encontra-se entre as melhores contribuições, no Brasil, ao debate sobre o tema.